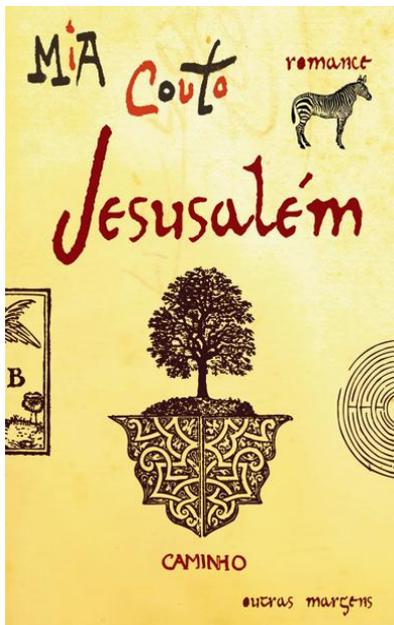


## Resenha

### Os mistérios das bermas do mundo: *Jesusalém*, de Mia Couto<sup>1</sup>

Anselmo Peres Alós<sup>2</sup>



Nascido António Emílio Leite Couto, na cidade da Beira (Moçambique), em 1955), o biólogo de formação adotou Mia Couto como o seu pseudónimo literário desde sua primeira obra, *Vozes anoitecidas* (1986). António Emílio Leite Couto ganhou o nome Mia do seu irmãozinho, que não conseguia pronunciar o seu segundo nome, Emílio. Segundo o próprio autor, a utilização deste apelido em sua vida literária está relacionada à sua paixão pelos gatos: desde criança, o jovem António Emílio dizia a sua família que queria ser um deles. Esta paixão pode ser vislumbrada em *O gato e o escuro*, a primeira incursão de Mia Couto no terreno da literatura infantil, o qual foi ilustrado por Danuta Wojciechowska, e publicado em 2001. Mia Couto é um dos escritores moçambicanos mais conhecidos fora de seu país<sup>3</sup>, e o seu romance *Terra*

1 COUTO, Mia. *Jesusalém*. Maputo: Ndjira, 2009. 296p.

2 Anselmo Peres Alós é Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. Atua como Professor-Leitor de Língua Portuguesa, Literaturas Lusófonas e Cultura Brasileira Contemporânea no Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM), e como Professor-Colaborador do Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM), em Maputo.

3 Obras do autor. Poesia: *Raiz de orvalho* (Maputo: AEMO, 1983); *Raiz de orvalho e outros poemas* (edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 1999); *idades cidades divindades* (Maputo: Ndjira, 2007). Contos: *Vozes anoitecidas* (Maputo: AEMO, 1986); *Cada homem é uma raça* (Lisboa: Caminho, 1990); *Estórias abensonhadas* (Lisboa: Caminho, 1994); *Contos do nascer da terra* (Lisboa: Caminho, 1997); *Na berma de nenhuma estrada* (Lisboa: Caminho, 1999); *O fio das missangas* (Lisboa: Caminho, 2003). Crônicas: *Cronicando* (Maputo: AEMO, 1988); *O país do queixa andar* (Maputo: Ndjira, 2003); *Pensatemos: textos de opinião* (Lisboa: Caminho, 2005); *Inter(in)venções* (Maputo: Ndjira, 2009). Romances: *Terra sonâmbula* (Lisboa: Caminho, 1992); *A varanda do frangipani* (Lisboa: Caminho, 1996); *Mar me quer* (Maputo: Parque EXPO/NJIRA, 1998); *Vinte e zinco* (Lisboa: Caminho, 1999); *O último voo do flamingo* (Lisboa: Caminho, 2000); *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (Lisboa: Caminho, 2002); *O outro pé da seareia* (Lisboa: Caminho, 2006); *Venenos de deus, remédios do diabo* (Maputo: Ndjira, 2008); *Jesusalém* (Maputo:

sonâmbula (1992) foi eleito um dos doze romances mais importantes do continente africano do século XX, durante a Feira Internacional do Livro, realizada no Zimbábue.

Cabe salientar, entretanto, que não é apenas o apelo poético dos escritos de Mia Couto que chama a atenção de seus leitores e críticos mundo afora. Por trás das inúmeras metáforas e neologismos, há um profundo senso de intervenção política a marcar a obra do escritor moçambicano, tal como ele mesmo afirma: “estou a falar em um momento em que a nossa democracia, que é uma conquista de todos nós, está a ser posta em causa todos os dias, e está ser posta em causa gravemente por ameaças de violência, por comportamentos profundamente antidemocráticos” (COUTO, 24 de junho de 2009)<sup>4</sup>.

Jesusalém<sup>5</sup> é o nome do vilarejo fundado por Silvestre, que se refugia em um lugar ermo, fundando seu próprio reino como exílio das memórias do passado. Junto com Silvestre Vitalício, vive em Jesusalém uma pequena população: Mwanito, “o afinador de silêncios”, filho de Silvestre; Ntunzi, o seu irmão mais velho; Zacaria Kalash (um ex-soldado que faz vezes de criado de Silvestre); Tio Aproximado, que os visita de quando em quando, trazendo víveres (irmão da falecida esposa de Silvestre); e, finalmente, a jumenta Jezibela, que cumpre o papel de amante do solitário fundador de Jesusalém. Incapaz de fazer o luto pela morte da esposa, Silvestre impôs aos que vivem à sua volta a abolição do mundo e do passado, tornando-se o despótico ditador de seu pequeno reino fundado na savana, e policiando até mesmo as memórias e os pensamentos de seus filhos. Quando se leva em consideração o profundo compromisso político que Mia Couto assume em seu ofício, torna-se tentador ler nesta fábula pós-colonial uma metáfora da incapacidade da nação moçambicana em fazer o luto pela guerra civil, buscando eterno refúgio na manifestação de uma deliberada amnésia coletiva.

O narrador do romance é Mwanito, o filho dileto de Silvério Vitalício. Muito jovem ainda quando chegou a Jesusalém, Mwanito tenta recordar-se do rosto de sua mãe, Dordalma. Proibido de ser alfabetizado pelo seu pai, é seu irmão mais velho, Ntunzi, quem clandestinamente vai ensinando as primeiras letras a Mwanito. Não se pode subestimar aqui a importância atribuída ao exercício da escrita na (re)constituição da memória de Mwanito.

---

Ndjira, 2009). Literatura infantil: O gato e o escuro (Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Lisboa: Caminho, 2001); A chuva pasmada (Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Maputo: Njira, 2004); O beijo da palavrinha (Ilustrações de Malangatana. Maputo: Língua Geral, 2006).

4 Entrevista publicada no jornal maputense O País, em 24 de junho de 2009. Disponível em: [http://opais.co.mz/opais/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1786:mia-couto-declara-se-num-qvazioq-apos-escrever-qjesusalemq&catid=82:cultura&Itemid=278](http://opais.co.mz/opais/index.php?option=com_content&view=article&id=1786:mia-couto-declara-se-num-qvazioq-apos-escrever-qjesusalemq&catid=82:cultura&Itemid=278). Acesso em: 30 jan. 2010.

5 COUTO, Mia. Jesusalém. Maputo: Ndjira, 2009. 296p. O romance foi publicado no Brasil com o título Antes de nascer o mundo (São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 280p.), enquanto que a edição portuguesa (Lisboa: Caminho, 2009. 296p.) mantém o título original do romance, de acordo com a edição moçambicana. Em conversa informal com o escritor, este revelou que, a despeito das inúmeras especulações feitas em torno do nome do romance por ocasião de sua publicação no Brasil, o motivo da alteração de seu título na edição brasileira deu-se por um motivo bastante prosaico: a fé judaica do editor brasileiro responsável pela sua publicação.

A relação que o narrador estabelece com a cultura letrada também lhe permitirá compreender melhor os motivos que levam a portuguesa Marta a deixar a Europa e embrenhar-se em África, tentando simultaneamente restituir as suas próprias memórias e viver o luto por Marcelo, que a abandona ainda em Portugal. É através da falta (de Marcelo, e de Dordalma) que Mwanito e Marta estabelecem uma profunda relação de mútua compreensão.

Um dos momentos marcantes do romance é o ritual de “desbatismo” promovido por Silvestre Vitalício, de maneira a romper definitivamente os laços com o mundo exterior. Ainda que haja uma relação de fluxo constante entre Jesusalém e o “outro mundo”, fluxo este mantido pelo Tio Aproximado, em suas idas e vindas para abastecer Jesusalém de víveres, Silvestre Vitalício insiste que “o mundo acabou, meus filhos, só resta Jesusalém” (Couto, 2009: p. 23)<sup>6</sup>. O “desbatismo” marca, desta forma, uma ruptura não apenas com o mundo exterior e com as memórias anteriores, mas mesmo com a lógica do mundo externo. Essa nova temporalidade de Jesusalém, alheia à guerra civil e aos problemas enfrentados pelo resto de Moçambique, instaura uma dobra que repete a temporalidade tradicional africana. Todavia, essa temporalidade não consegue estar livre das contaminações exteriores. As idas e vindas do Tio Aproximado estão sempre a colocar em risco a temporalidade fragilmente institucionalizada por Silvestre Vitalício, de maneira que este o obriga a banhos de purificação sempre que este chega com o caminhão de mantimentos:



“Aproximado era forçado a lavar-se para não trazer contaminações da cidade. Lavava-se com terra e depois com água, fizesse frio ou fizesse noite. Depois do banho, Silvestre desbagageava o camião, apressando as entregas, abreviando as despedidas” (Couto, 2009: p. 14).

Mas a frágil estabilidade do universo particular de Silvestre será colocada em xeque com a chegada de uma estrangeira, Marta, que vem de Portugal para tentar descobrir o paradeiro de Marcelo, seu companheiro, o qual foi para Moçambique e nunca mais retornou. Neste espaço deliberada e exclusivamente masculino, Marta atuará como catalisadora a trazer à tona o passado profundamente enterrado por Silvestre. É ela que, ao final do romance, descobre a verdadeira história do passado de Dordalma e a conta a Mwanito em uma carta de despedida, quando regressa definitivamente a Portugal. Nas últimas páginas do romance,

<sup>6</sup> Os itálicos pertencem ao texto original. Mia Couto, neste romance, assinala com itálico todas as passagens em discurso direto, além da clássica marcação com recuo de parágrafo e travessão.

entretanto, Mwanito desvela outros aspectos relacionados à misteriosa morte da mãe, Dordalma, aspectos que passaram despercebidos na investigação realizada por Marta. Com este gesto, Mia Couto cria, no plano simbólico da fabulação narrativa, uma ficção política significativamente contestatória, uma vez que devolve a Mwanito (e, metonimicamente e por extensão, a todo o povo moçambicano) o direito exclusivo à exegese da sua própria história e do seu próprio passado. Ao contrário dos discursos históricos eurocêntricos, os quais se deram ao direito de atribuir sentido aos acontecimentos ocorridos no continente africano de maneira etnocêntrica, à revelia das tradições locais, Mia Couto simbolicamente devolve ao jovem Mwanito o poder epistemológico para produzir conhecimento e inteligibilidade ao seu passado, de acordo com os seus próprios valores culturais.